



O economista Celso Leal desconfia que dinheiro não será devolvido



O único apoio foi do motorista de táxi Sérgio Araújo Lustosa

Todos reagem com indignação

A cobrança de um depósito compulsório na gasolina e no álcool não agradou ao carioca. A atitude geral foi um misto de indignação e de reação negativa à ideia governamental. Embora consciente de que uma taxação adicional de 25% no preço final dos combustíveis — hipótese mais comentada em Brasília — aumentará as despesas mensais, a maioria dos entrevistados não pretende alterar sua rotina de vida; usando menos o carro.

Mesmo quem hipoteca solidariedade irrestrita ao governo da Nova República acabou achando elevada a taxa de 25%, como é o caso do diretor-presidente da revendedora Volkswagen, Guanacar, Otacílio Machado. O único apoio vem do motorista de táxi César Araújo Lustosa, que considera possível absorver o novo preço sem mexer nas tarifas, porque, segundo ele, o preço da bandeirada no Rio é muito alto.

É aumento real

O economista Celso Leal, 26 anos, acredita que o compulsório é na verdade um aumento real porque não existe qualquer compromisso do governo de que daqui a três anos, quando teria de devolver o dinheiro arrecadado, o resgate será efetuado. "Não custa nada ao governo adiar ad infinitum", criticou Leal. Funcionário da empresa Hering, ele afirma não entender a dualidade entre o tratamento dispensado pelo governo ao setor privado e ao setor público. "Porque a Volkswagen tem de viver com custos achatados, os frigoríficos vêem-se obrigados a entregar carne e a Eletrobrás não é forçada pelo governo a fornecer energia elétrica pela tarifa congelada?". Ele vai continuar abastecendo seu Chevette 1984 para percorrer os 600 quilômetros semanais, embora sob protestos em alto e bom som.

Programa mantido

A gerente da loja Joana e João, de Ipanema, Glória Oliveira, interpreta a cota compul-

sória como uma questão de desafio. "Não vou parar de usar meu carro diante das exigências do governo. No próximo final de semana, vou a Araruama, a 150 quilômetros do Rio, em viagem de lazer. Claro que não vou desistir". Combinando gravata borboleta com chapéu de cowgirl e montando um Ford Escort 1985 preto com placa de Manaus (AM), Oliveira concede que "mais uma vez, vamos aceitar calados essa imposição, mas nem por isso vamos parar de usar o carro". O álcool consumido pelo seu carro é pago pela empresa, quando está a serviço, a exemplo de ontem, com a poltrona traseira tomada por embrulhos retirados dos fornecedores da butique.

O professor de Educação Física Carlos Francisco Faccioli acha a medida "péssima", porque, na sua avaliação, o Plano Cruzado não tinha esse objetivo de aumentar preços. "O governo não teve estrutura para avaliar que produtos deveriam aumentar ou não de preço." O compulsório na gasolina vai afetar muito o bolso de Faccioli, porque sabe que seu salário não vai aumentar nem 2%. Ontem, Faccioli, que trabalha em quatro colégios, colocou em sua Brasília 1980 o equivalente a Cz\$ 20, menos de cinco litros de gasolina.

Só salário congelado

O pouco de felicidade que o povão consegue o governo tira logo — diz a indignada funcionária da Telerj, Fernanda Carneiro. "Já estou sofrendo por conta desses compulsórios. Já tentei comprar os dólares pelo câmbio oficial, mas não consegui por-

que o Banco Central só libera 15 dias antes da data de embarque para Portugal, onde vou visitar minha mãe. Como viajo no dia 8 de agosto, só posso comprar em 25 de julho, ou seja, um dia depois do compulsório para as viagens internacionais." Carneiro enxerga uma enorme incoerência nas propostas governamentais. "Só o salário está congelado. O resto é mais caro, como comida, peça de carro. É lógico que vou ter de segurar as despesas com o carro", garante, batendo no Volkswagen 1981.

O motorista de táxi César Araújo Lustosa acha que o compulsório é benéfico. "Se eu for receber esse adicional daqui a três anos com os juros da caderneta o compulsório passa a ser uma boa poupança." Lustosa, que comprou seu Volkswagen 1981 a álcool há dez meses, acredita que ainda dá para ganhar dinheiro. "O tanque cheio do Fusca fica em Cz\$ 100. O adicional de 25% representa apenas mais uma corrida do Leblon a Botafogo. Dá para absorver direitinho, mesmo sem reajuste de tarifas, porque o táxi no Rio custa 50% a mais do que em Curitiba."

Punição

A arquiteta Sílvia Pozzana gasta diariamente 45 litros de álcool no seu Fiat 147 para levar os dois filhos à escola, visitar as obras que dirige e ainda buscar material de construção. "O compulsório de alguma forma é uma punição, porque eu não poderei aumentar o preço de meus serviços. Aumentarei minhas despesas, mas não posso prescindir do carro", lamenta a conformada arquiteta. "Uso tanto meu carro que não dá nem para deixar na oficina para tirar a ferrugem."

O diretor-presidente da Guanacar, Otacílio Machado, apóia o governo Sarney. "Endosso qualquer medida do governo, que está trabalhando com boa vontade, firmeza e segurança. Estou esperando as medidas com-

plementares ao Plano Cruzado e esta é uma delas". Quando terminou de abastecer seu Santana 1985 e soube que a conta era de Cz\$ 150 repensou o assunto, porque se o compulsório já estivesse em vigor teria pago Cz\$ 188. "Bom, 25% já pesam. Poderia ser de 10% a 15%, argumentou Machado, que dirige em torno de 2 mil quilômetros mensais.

Embora discorde do compulsório, o engenheiro eletrônico Rogério Antônio Costa Cardoso acredita que a medida deverá proporcionar algum retorno aos assalariados no prazo de seis meses. "Espero que sejamos recompensados em termos de salários ou de nível de emprego. Eu não entendo por que terá essa taxação a mais. Será que o governo quer construir novas rodovias e a Taxa Rodoviária Única não é suficiente? Só sei que não vou deixar de pegar a minha namorada no colégio todas as noites". Ele sabe, porém, que o compulsório afetará a contabilidade das empresas, a exemplo da Unitel Comércio e Indústria, onde ele trabalha e que paga a gasolina do carro no qual ele atende os clientes.

Menos carro e mais ônibus

O coordenador de produção (vendas) da Capemi, Marco Antônio Molinaro Paim, sente que terá de reduzir imediatamente suas despesas com o Chevette. Ele gasta Cz\$ 200 semanais para ir de casa em Vista Alegre, na Zona Norte, para o Centro da Cidade e voltar com quatro caronas permanentes. "Terei de andar pelo menos duas vezes por semana de ônibus e talvez dividir as despesas dos outros dias com meus colegas de trabalho que viajam comigo". Paim acredita que o governo pretende tirar carros das ruas das cidades, mas vai produzir outro resultado. "Qualquer mudança nos preços atinge o salário, que continua congelado".



Glória Oliveira